IDENTIDADE E MISSÃO DA LIGA DAS FAMÍLIAS DE LISBOA

I. SOMOS IGREJA

1. Somos baptizados, Família de Deus

"Deus é Amor" (1 Jo 4,8). Por amor, Ele criou cada pessoa e chamou-a à vida. Por amor, ofereceu a cada pessoa, repetidamente, a sua aliança, e mostrou-se em toda a história de salvação como Deus fiel, como Deus da vida e da história. Através de Jesus Cristo, pela sua morte e ressurreição, concedeu-nos a aliança nova e eterna e redimiu-nos.

No Baptismo Deus sela esta aliança de amor com cada um de nós, pessoalmente: permite-me participar da vida de Cristo e torna-me membro do seu Corpo místico, através do qual me transformo num santuário vivo. Cada pessoa é chamada a dar, livremente, uma resposta a este amor e ao seguimento de Cristo.

A Igreja é, para nós, o povo, a família de Deus, a comunidade de todos os baptizados, na qual Cristo continua a viver; é o seu Corpo místico, ao qual pertencemos, cada um pessoalmente, cada família cristã, e como comunidade. Como parte viva da Igreja, somos corresponsáveis pelo seu desenvolvimento e crescimento, e pela sua renovação, especialmente a suscitada pelo Concílio Ecuménico Vaticano II.

2. Na Igreja, somos leigos

Na Igreja, somos leigos, isto é, homens e mulheres que, incorporados em Cristo pelo Baptismo, constituídos em povo de Deus e feitos participantes, segundo a nossa vocação, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercemos, pela parte que nos toca, na Igreja e no mundo, a missão de todo o povo cristão.

A nossa vocação específica, como leigos, consiste em procurar o Reino de Deus ocupando-nos das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Isto é, pertence-nos, de modo particular, iluminar e orientar todas as realidades temporais que fazem parte da nossa vida de tal modo que elas sejam realizadas e prosperem constantemente segundo Cristo, para glória do Criador e Redentor. No meio do mundo, estamos na linha mais avançada da Igreja: é principalmente através dos leigos que a Igreja pode ser alma, ou princípio vital do mundo.

3. Na Igreja, somos casais e famílias cristãs

Deus criou o homem à sua imagem como homem e mulher e chamou-os ao amor. Através do nosso amor mútuo reconhecemos esta vocação natural e sobrenatural. Com efeito, em virtude do sacramento do Matrimónio, o facto natural do casamento, inserido na ordem da Criação, torna-se um acontecimento de salvação, inserido na ordem da Redenção. Neste sacramento selamos uma aliança com o Sim mútuo que nos declaramos, prometendo-nos fidelidade. Jesus Cristo concede-nos, assim, de maneira especial, a sua proximidade e a sua graça: no nosso amor e na nossa fidelidade mútuos, Ele está presente com o seu amor e a sua fidelidade. **Na aliança de amor mútuo e de amor a Ele, não só somos imagem do amor do Deus Trino, como também estamos imersos nesse amor**. "É grande este mistério …" (Ef 5,32). Assim como Cristo, pela sua morte e ressurreição, se oferece à sua Igreja, assim também nós, como homem e mulher, nos entregamos um ao outro. Ele vive em nós e actua através de nós – o sacramento é isto. Assim, o nosso Matrimónio se faz sinal

eficaz da aliança de Cristo com a sua Igreja. Desta realidade nasce a nossa responsabilidade particular, como casal e como família, pela configuração da Igreja e do mundo; a nossa responsabilidade pela vivência e transmissão da fé no nosso tempo, em primeiro lugar aos nossos filhos.

4. Na Igreja, somos chamados por Cristo e respondemos-Lhe

Ser baptizado, ser Igreja, ser leigo, ser casal e família cristã são dons gratuitos, são chamamentos: é Cristo que nos escolhe, nos chama a Ele e nos faz participar da sua vida e da sua missão, por amor. A nossa vocação cristã, realizada concretamente através dos modos próprios correspondentes a sermos leigos e casais cristãos, pede uma resposta.

A nossa vida é a nossa resposta de amor ao amor que Deus manifesta chamando-nos a ser seus filhos, irmãos de Cristo e templos do Espírito Santo, chamando-nos a ser santos. Esta resposta damo-la, portanto, não só nos momentos determinantes do Baptismo e do Matrimónio, mas no dia-a-dia da nossa vida como baptizados, Igreja, leigos casados e famílias cristãs, no mundo em que vivemos, pelos meios de crescimento da Fé, da Esperança e do Amor que são os restantes sacramentos, em especial a Eucaristia e a Reconciliação, mas igualmente pela nossa vida diária da construção do mundo como Igreja semente, luz e fermento, unindo fé e vida, natureza e graça. Assim, a nossa humanidade caminha para a plenitude a que está chamada, segundo o plano de Deus, como Cristo nos revela e já vemos em Maria.

5. A missão da Igreja é a nossa missão

A tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja, tarefa e missão que as amplas e profundas mudanças da sociedade actual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição. **Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas e âmbitos da vida da humanidade, em qualquer meio e latitude, povos, famílias e pessoas, e, pelo seu influxo, transformá-los a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: "Eis que faço de novo todas as coisas" (Ap 21,5; 2 Cor 5,17; Gl 6,15).**

No entanto não haverá humanidade nova se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do Baptismo e da vida segundo o Evangelho. A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exacto seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e colectiva dos homens, a actividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios.

Num mundo novo, é tempo de uma nova evangelização, nova no ardor, nos métodos e na expressão, a exigir que evangelizemos por meio do nosso ser, pensar, amar e viver; pela palavra, atitudes e actos, com audácia e criatividade.

6. Na Igreja, adoptamos conscientemente Maria como modelo

Maria, a quem Deus concedeu desde o início a plenitude da vida, é, para nós, modelo do discípulo de Cristo, figura da Igreja e nossa ajuda constante. Ela, totalmente aberta e orientada por Deus, é a companheira e colaboradora permanente de Cristo em toda a obra da Redenção. Ao mesmo tempo que é esposa e mãe, está disponível para os homens.
A nova aliança e a encarnação de Cristo foram possíveis pelo seu Sim aos desejos de Deus. O nosso mútuo Sim na aliança matrimonial é uma renovação desta aliança. Assim como Maria deu à luz Cristo e o levou aos homens, também nós devemos fazê-lo em sentido figurado, através da nossa família e do nosso Matrimónio. Assim como a bi-unidade de Cristo e Maria é um sinal de amor e de fidelidade, assim o é também a nossa bi-unidade como marido e mulher.

7. Somos Igreja no e para o mundo

Vivemos plenamente a experiência de ser Igreja no nosso tempo e nas circunstâncias concretas em que decorre a nossa vida, e sabemos bem que é aqui que somos chamados à santidade. Aqui Deus se nos manifesta, através dos sinais dos tempos, faz a história connosco e pede o nosso testemunho e entrega à missão.
Reconhecemos que a **Europa** precisa de fazer um salto qualitativo na tomada de consciência da sua herança espiritual. O estímulo para isso só lhe pode vir de uma nova escuta do Evangelho de Cristo. Compete-nos empenhar-nos para satisfazer esta fome e sede de vida. Perante os desafios da construção da Europa de hoje e do futuro, queremos acolher e proclamar o apelo de João Paulo II à Europa, e dar-lhe resposta: "Volta a encontrar-te. Sê tu mesma. Descobre as tuas origens. Reaviva as tuas raízes. No decurso dos séculos, recebeste o tesouro da fé cristã. Esta funda a tua vida social sobre os princípios tirados do Evangelho e divisam-se os seus traços nas artes, na literatura, no pensamento e na cultura das tuas nações. Mas esta herança não pertence só ao passado; é um projecto para o futuro que deve ser transmitido às novas gerações, porque constitui a matriz da vida das pessoas e dos povos que forjam, unidos, o continente europeu" (*Ecclesia in Europa*, n. 120). A partir de uma nova consciência das suas raízes e identidade, acreditamos que há-de brotar uma nova missão da Europa no mundo.
Somos e construímos a Igreja em **Portugal** e em **Lisboa**. Aqui temos experimentado um complexo processo sócio-cultural de grandes e rápidas mudanças de maneiras de pensar, valores, atitudes e comportamentos em todos os planos e instituições da vida da sociedade de que fazemos parte: sabemos bem que estamos a viver uma mudança de época. Sentimos a magnitude dos desafios e das suas consequências profundas na consciência da nossa identidade, como nação, designadamente das nossas raízes cristãs, e nas persistentes dificuldades de nos reconhecermos e mobilizarmos num projecto de desenvolvimento nacional, e de missão para a Europa e para o mundo. O reconhecimento da vontade de Deus sobre o nosso ser e missão nacionais e a construção do Portugal de hoje e do futuro, à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, são tarefas que nos são pedidas e a que queremos corresponder, com a Igreja em Portugal e, concretamente, a Igreja do Patriarcado de Lisboa, seguindo o pensamento do P. Kentenich.

8. Somos portadores de um carisma na Igreja

A vida da Igreja desenvolve-se, por vontade de Deus, por meio do Espírito Santo, tanto através de acções e estruturas hierárquico-institucionais, como pela constante acção dos carismas.
Reconhecemos, de acordo com a doutrina da Igreja, que os carismas são graças do Espírito Santo que, directa ou indirectamente, têm uma utilidade eclesial, ordenados como são para a edificação da Igreja, o bem dos homens e as necessidades do mundo. Eles são uma maravilhosa riqueza de graças para a vitalidade apostólica e para a santidade de todo o Corpo de Cristo, desde que se trate de dons verdadeiramente procedentes do Espírito Santo e exercidos de modo plenamente conforme aos impulsos autênticos do mesmo Espírito, quer dizer, segundo a caridade, verdadeira medida dos carismas. Reconhecemos também que compete aos pastores da Igreja exercer o necessário discernimento dos carismas, de modo que todos eles, na sua diversidade e complementaridade, cooperem para o bem de toda a Igreja.
À luz da fé, e da nossa história, acreditamos que somos portadores de um carisma próprio. Actualizamos, assim, de um modo próprio, segundo o nosso carisma, o princípio carismático ou mariano, ao serviço da vida e da missão da Igreja, ao lado do princípio hierárquico-institucional ou petrino.

9. Somos um Movimento eclesial

Cada época tem desafios e possibilidades, dúvidas e problemas próprios. Cremos que Deus responde a tudo isso chamando à vida comunidades religiosas e movimentos que, na Igreja, acolhem e dão resposta aos anseios do seu tempo. Os movimentos eclesiais, cuja existência e acção irromperam na consciência e na vida da Igreja, com grande força, como um dos frutos do Concílio Vaticano II, foram reconhecidos, acolhidos e valorizados pelo Papa João Paulo II de uma forma clara e entusiasta. O Papa reconheceu "como é grande, hoje, a necessidade de personalidades cristãs amadurecidas, conscientes da própria identidade baptismal, da própria vocação e missão na Igreja e no mundo! E eis, então, os movimentos e as novas comunidades eclesiais: elas são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final de milénio. Vós sois esta resposta providencial." (*Discurso na Vigília de Oração durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*, n. 7)
Acreditamos que Schoenstatt é, na Igreja, uma realidade de natureza carismática, um dos Movimentos eclesiais com que o Espírito Santo enriqueceu e quer continuar a enriquecer a vida e a missão da Igreja no mundo actual.

II. SOMOS SCHOENSTATT

10. Schoenstatt é fruto de uma iniciativa divina

Com gratidão e profundo respeito, acreditamos e confessamos que o Movimento Apostólico de Schoenstatt nasceu de uma iniciativa divina no seio da Igreja e para o seu serviço.
O Espírito Santo impulsionou o P. José Kentenich, e insta-nos a nós, a proclamar a novidade do mistério de Cristo e de Maria, a manifestar o amor paternal de Deus e a trabalhar incessantemente pela renovação da Igreja e da sociedade.

A convicção crente de que a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt actua fiel e eficazmente no Santuário, leva-nos – a nós, instrumentos débeis – a proclamar: Com Maria, vamos rumo à nova época, alegres na esperança e seguros da vitória!

A) Ser

11. Schoenstatt foi fundado pelo P. José Kentenich

O Deus Trino, "rico em misericórdia" (Ef 2,4), escolheu o Padre José Kentenich para ser o Fundador de Schoenstatt. Deus constituiu-o Sacerdote e Pai na pessoa de Jesus Cristo e conduziu-o à Aliança de Amor com Nossa Senhora. Por meio dele, Maria, com o seu amor maternal, suscitou a fundação da Família de Schoenstatt e de todas as suas Comunidades, e confiou uma missão própria a cada uma.

12. Schoenstatt foi fundado em 18 de Outubro de 1914

O acto de fundação aconteceu em 18 de Outubro de 1914, no Santuário original em Schoenstatt (Vallendar/Alemanha), numa fase de mudança radical da história do mundo. Nesse dia, o Padre José Kentenich, tem a convicção de fé de que Maria quer "con-configurar" a nova época que se anuncia. Para isso, põe-se à sua disposição, juntamente com alguns jovens da Congregação Mariana, e sela com Maria a Aliança de Amor. Pedem a Maria para actuar nessa capela e transformá-la num lugar de graças e de peregrinação. Convencidos da solidariedade da salvação de todos, entregam a Maria, como contribuição para a renovação religioso-moral dos homens e dos povos, o seu próprio esforço pela santidade.
Neste acto, o Fundador, guiado pela fé prática na Divina Providência, constitui-se como Cabeça da Família de Schoenstatt para todos os tempos.

13. Schoenstatt nasce no Santuário

Cremos que Deus e Maria Santíssima actuam de forma especial em determinados lugares. Tal acontece no Santuário original e em todos os Santuários de Schoenstatt, onde Eles nos concedem, sobretudo, as graças de acolhimento, de transformação e de envio. Daí que a vinculação ao Santuário seja uma fonte importante da nossa vida espiritual.
Em qualquer lugar do mundo, o Santuário é, para o Movimento Apostólico de Schoenstatt, lugar de Aliança e de graças, pátria espiritual e local de encontro. Nele, entramos e crescemos na Aliança de Amor. Nele, o Movimento está para sempre unido à pessoa, vida e doutrina do seu Fundador, participa do seu carisma e quer, com fidelidade criadora, preservá-lo, realizá-lo e oferecê-lo a toda a Igreja.

14. Schoenstatt vive da Aliança de Amor

A Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, no Santuário, dá ao Movimento a sua maneira de ser e a sua missão, assim como a sua forma de vida espiritual e a sua finalidade apostólica universal. Quem se integra na Aliança de Amor historicamente realizada em 18 de Outubro de 1914, une-se a Maria, nossa Mãe e Rainha, ao Santuário e ao Fundador, entrando e ficando, assim, ancorado no mundo de Schoenstatt.

15. O carisma de Schoenstatt

Acreditamos que o P. Kentenich recebeu do Espírito Santo um carisma, através da nossa Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt. O Movimento de Schoenstatt deve acolher e deixar frutificar, com fidelidade criadora, o carisma do seu Fundador, para cumprir a vontade de Deus a seu respeito, para o bem da Igreja e do mundo. Participar do carisma do Fundador garante a identidade, unidade e fecundidade da Família por ele fundada e de todos e cada um dos seus membros e comunidades.

O carisma de Schoenstatt é o carisma dado ao nosso Fundador; continua actuante no Movimento de Schoenstatt, a partir da Aliança de Amor no Santuário, ao longo dos tempos e por todos os lugares. Foi-se revelando progressivamente e inclui vários elementos nucleares intimamente interligados: a **fé prática na Divina Providência**, assente numa profunda relação filial com Deus Pai, que conduz a uma contínua procura de ouvir o Deus vivo na história, a ler os seus sinais, a dialogar com Ele, a responder aos seus desígnios, a cumprir a sua vontade; uma forte e clara **consciência de missão para o mundo e para a Igreja** vivida a todos os níveis, desde o pessoal até ao conjunto do Movimento internacional; um constante **cuidado pelo desenvolvimento integral da vida pessoal e comunitária**, pelo cultivo do organismo natural e sobrenatural de vinculações, do pensar, viver e amar orgânicos, usando a espiritualidade e os meios ascético-pedagógicos schoenstatteanos, para que a fé e a vida cresçam, unidas, em abundância. E no centro destes elementos, unindo-os e dinamizando-os, **Maria e a Aliança de Amor com ela**, fonte de amor e compromisso que dão forma e força à nossa vida, pessoal e comunitária. O carisma de Schoenstatt está na unidade e interacção dinâmica entre todos estes elementos e no impulso que daí resulta.

16. Ser schoenstatteano corresponde a uma vocação própria, na Igreja

Ao aceitar, livre e responsavelmente, pertencer ao mundo de ideias, vida e graças de Schoenstatt, cada schoenstatteano vive o seu seguimento de Cristo e pertença à Igreja segundo uma vocação humana, cristã e eclesial própria.

De facto, ao inserir-se na Aliança de Amor de 18 de Outubro de 1914, vincula-se a Maria, ao Santuário, ao Fundador e à Família de Schoenstatt; descobre na sua vida a realidade do Santuário como lugar de graças, onde Maria se faz presente como Mãe, Educadora e Rainha, com quem vive em Aliança de Amor, entregando-lhe todos os passos da nossa vida como contribuições para o capital de graças. Um schoenstatteano reconhece que Schoenstatt é não só uma obra e instrumento escolhido de Deus e da Mãe de Deus para a renovação do mundo e da Igreja, mas também um caminho de santidade para si, pessoalmente, ou para o casal e família. O mundo de Schoenstatt passa a ser o seu mundo, a fonte e ambiente que configura a modalidade própria de ser pessoa, cristão na Igreja e no mundo.

B) Missão

17. Missão de Schoenstatt

O Movimento Apostólico de Schoenstatt sabe-se chamado, como obra e instrumento de Maria, a contribuir para que a Igreja seja alma das culturas dos povos e possa neles imprimir o rosto de Cristo, ou seja, a contribuir para **a configuração mariana da**

Igreja e do mundo com Cristo. Cumprimos esta missão trabalhando pela tripla finalidade que o Fundador assinalou a Schoenstatt: a formação do homem novo na nova comunidade, o resgate e realização da missão salvífica do Ocidente, e a constituição e aperfeiçoamento de uma confederação apostólica universal.

18. O homem novo na nova comunidade

O nosso Fundador sentiu, já nos princípios do século XX, que se avizinhava uma mudança radical na sociedade e na Igreja e queria, com o Movimento de Schoenstatt, dar uma resposta aos desafios e aos problemas da época. Assim, viu a necessidade de se dedicar à formação, tanto nas suas próprias fileiras como na Igreja, do **homem novo na nova comunidade**, ambos levados pela força fundamental do amor com carácter apostólico universal.

O homem novo aqui referido é um homem espiritualmente animado e vinculado ao ideal, que se deixa entusiasmar pelo projecto de Deus e que, voluntariamente, "magnanimamente", faz algo mais do que apenas o seu dever; pode caminhar assim na vida porque é aliado de Maria e se esforça por responder aos desafios do dia-a-dia de modo harmónico e ordenado. Mas isto só sucede se se souber amado por Deus e se confiar neste amor; se der forma à sua vida diária em união com Deus e estiver aberto à sua vontade. É um homem para quem as atitudes são mais importantes do que as formas, que actua de dentro para fora, interiormente livre porque está unido a Deus; por isso, está longe de todas as escravaturas tanto do formalismo como de toda a ausência de formas. É um homem que actua no mundo como fermento e trabalha pela construção de uma nova ordem cristã da sociedade. O homem novo é animado pela espiritualidade de Schoenstatt e caracteriza-se pelo pensar, viver e amar orgânicos. Dispõe de uma visão integral que lhe permite unir Deus e homem, ideia e vida, fé e vida diária, dando assim uma resposta ao perigo do pensar mecanicista, que separa todos estes aspectos e que, em última análise, leva à destruição da fé e da vida.

A meta do P. Kentenich não é unicamente o "homem novo", mas também a "nova comunidade". É ao mesmo tempo uma comunidade de corações, de responsabilidades e de tarefas, que aspira à profunda união espiritual: ao um-no-outro, com-o-outro e para-o-outro espiritual, a uma consciência da responsabilidade pelo outro ancorada em Deus e permanentemente eficaz. Na construção das comunidades fundadas por ele, deixa-se guiar pelo princípio de que a vida espiritual e o crescimento interior se devem assegurar por um mínimo de vínculos obrigatórios e um máximo de liberdade, e por um permanente cultivo do espírito.

19. O resgate e realização da missão salvífica do Ocidente

O Movimento de Schoenstatt recebeu do seu Fundador a incumbência de promover o **resgate e realização da missão salvífica do Ocidente,** isto é, a adequada prossecução da vocação original do Ocidente de cuidar para que a missão histórico-salvífica de Jesus Cristo, o Deus-homem, seja levada a todos os povos, com o cunho próprio que consiste em comunicar ao mundo e lutar pela relação fundamental entre Causa Primeira e causa segunda, pela harmonia querida por Deus entre a natureza e a graça, entre ideias e vida.

Esta missão tem um acentuado cunho mariano: de facto, é uma tarefa que Maria quer realizar, com a nossa colaboração. Deve levar-se a cabo em mútua complementação

e enriquecimento com a missão do Oriente e em diálogo respeitoso com todas as culturas.

20. A constituição e aperfeiçoamento de uma confederação apostólica universal

O P. Kentenich, em convicção de fé, tomou para o Movimento de Schoenstatt, como uma das suas finalidades, o projecto de São Vicente Pallotti no sentido da **constituição e aperfeiçoamento de uma confederação apostólica universal,** ou associação federativa apostólica universal. Trata-se de promover, na dependência da Hierarquia, o trabalho conjunto e voluntário das organizações apostólicas da Igreja.

C) Espiritualidade

21. Schoenstatt cultiva uma espiritualidade própria

Iluminado e guiado pelo Espírito Santo, o nosso Fundador deu à sua Família de Schoenstatt uma espiritualidade original, um novo acesso ao mistério de Cristo, a partir de um profundo enraizamento nas fontes da Igreja e pela interpretação crente dos sinais dos tempos.

Fontes de vida e centros de esta espiritualidade são a Aliança de Amor que o Fundador e a primeira geração selaram com a Santíssima Virgem em 18 de Outubro de 1914, e o Santuário que, por esse acontecimento, nos foi dado por Deus. Apropriando-nos da resposta dos primeiros a esta iniciativa divina, e revivendo o seu desenvolvimento na história ulterior da Família, crescemos na Aliança salvífica de Deus com os homens e somos constituídos como uma Família sua na Igreja.

O homem novo e a nova comunidade são impregnados pela espiritualidade de Schoenstatt.

22. Uma espiritualidade que brota da vinculação a Maria, no Santuário

No Santuário e a partir do Santuário, Maria actua como Mãe e Educadora. Ela oferece graças de acolhimento espiritual, de transformação interior e de fecundidade apostólica. A vinculação à sua pessoa leva à sua atitude: entrega filial a Deus Pai, seguimento de Jesus até à cruz, sem condições, abertura frente ao Espírito Santo, amor magnânimo e de serviço aos homens, colaboração historicamente criativa na redenção do mundo.

No Santuário consagramo-nos a Maria, a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt. A partir daí, queremos dar testemunho do lugar que Maria ocupa no plano da salvação e da sua missão no tempo actual: ela é a permanente companheira e colaboradora de Cristo em toda a sua obra da redenção, ela tem o ofício e o encargo de ser imagem sublime e educadora maternal do homem novo e da comunidade nova em Cristo.

23. A piedade de aliança

A Aliança de Amor de 18 de Outubro de 1914 tem como consequência uma assinalada piedade de aliança que consiste em viver da fé na realidade da Aliança de Amor. A Aliança de Amor com Maria quer ajudar a que a aliança baptismal se torne sentido fundamental, força fundamental, norma fundamental e forma fundamental do cristão, tal como também da comunidade cristã. Do mesmo modo, para os casados, a Aliança de Amor reactualiza e aprofunda a aliança matrimonial. A

Aliança com Maria deve amadurecer organicamente para uma Aliança de Amor com a Santíssima Trindade: com Maria - por Cristo - no Espírito Santo - para o Pai.

24. A fé prática na Divina Providência

A Aliança de Amor com Maria leva a uma atitude de *Fiat* frente ao Pai. Em Cristo, Ele manifestou definitivamente o Seu plano de salvação e vai desvelando no tempo os caminhos da sua realização. **A fé prática na Divina Providência permite reconhecer a vontade e os desejos do Deus da Aliança na estrutura de ser da criação e da redenção, nos acontecimentos do tempo e da vida, e nas vozes da alma**. Ele convida os seus parceiros na Aliança a fazer nossos os seus planos, em liberdade, segundo a lei da porta aberta.

A entrega filial e magnânima à condução divina é a nossa força motriz para viver da Aliança de Amor. Esta doação dá-nos acolhimento, segurança em Deus, e impele-nos a actuar, na ousadia da fé, para criar história com Ele.

25. A piedade instrumental

Na Aliança de Amor somos convocados a tomar parte de um modo peculiar na missão da Igreja, e somos constituídos portadores do carisma e da tarefa da Família de Schoenstatt.

Com a força de Deus, queremos pôr-nos totalmente à sua disposição, como instrumentos livres que, apesar da nossa debilidade, nos sabemos objecto da sua misericordiosa eleição. Ele infunde-nos a certeza de que, na nossa impotência, Ele se manifestará vitorioso e valer-se-á de nós para levar a cabo as suas obras.

Assim, **a piedade instrumental, quer dizer, a consciência de que Deus nos quer utilizar para a configuração do mundo, impele-nos, em entrega filial e magnânima à condução divina, para um agir historicamente criativo**. Instrumentos fracos, e no entanto escolhidos, disponibilizamo-nos para a renovação da Igreja e a evangelização do mundo, com uma marcada consciência de missão.

26. A santidade da vida diária

A Aliança de Amor com Maria possibilita a santidade da vida diária, que aspira a uma harmonia agradável a Deus entre a vinculação cheia de afecto a Deus, ao homem, ao trabalho e às coisas e à natureza, em todas as situações da vida diária.

No espírito da santidade do dia de trabalho, reunimos para a nossa Mãe e Rainha contribuições para o Capital de Graças. Fazemo-lo mediante um fiel cumprimento do dever de estado, e por uma resposta magnânima aos desejos de Deus. Deste modo, cooperamos com a Mãe de Deus, que não quer cumprir a sua missão histórica sem a colaboração dos que contraíram a Aliança com ela.

27. Uma espiritualidade dinâmica e apoiada num sistema ascético-pedagógico

A Aliança de Amor com Maria há-de amadurecer organicamente para chegar a ser uma Aliança de Amor viva com o Pai: Com Maria, por Cristo, no Espírito Santo, ao Pai.

A Aliança de Amor da qual vivemos requer uma constante animação e aprofundamento. Esforçamo-nos por caminhar continuamente na presença de Deus. Para isso, procuramos contemplar Deus, pela fé, em todos os lugares e circunstâncias, falar com Deus com amor e, movidos pela fé e pelo amor, oferecer a Deus sacrifícios. De igual modo, o apostolado urge-nos a lutar pela santidade. Neste caminho, podemos contar com os meios ascético-pedagógicos schoenstatteanos.

A pedagogia de Schoenstatt, a partir da Aliança de Amor, valoriza a ligação de natureza e graça, de ideias e vida. O seu objectivo é o desenvolvimento independente e autónomo e a integração de todas as forças da pessoa, casal, ou comunidade, com vista à realização do seu ideal querido por Deus. O serviço desinteressado à vida e a confiança – como forças fundamentais do diálogo pedagógico – possibilitam a cada um e à comunidade o estabelecimento de vinculações a pessoas, a locais e a ideias que motivam para o apostolado e o tornam possível.

D) Estrutura

28. Na estrutura de Schoenstatt, somos uma Liga Apostólica

Os princípios gerais de organização e a estrutura do Movimento Apostólico de Schönstatt procuram que a vida, o ser e a missão de Schoenstatt sejam assegurados e protegidos, com estabilidade e segurança, por formas estruturais, organizativas e operativas adequadas às circunstâncias e coerentes com o espírito do Movimento. Por outro lado, essas formas devem ser, para a Igreja e para o mundo, uma expressão e caminho visíveis do carisma e missão de Schoenstatt, concorrendo, assim, para que o Movimento seja reconhecido como um caso pré-claro útil para se encontrarem respostas para grandes problemas do viver em Igreja e na sociedade de hoje.

O Movimento Apostólico de Schönstatt compreende diversos Institutos Seculares, de âmbito internacional, Uniões, de âmbito internacional ou nacional; a nível diocesano, encontram-se as estruturas designadas por Liga Apostólica e o Movimento Popular e de Peregrinos. Na estrutura do Movimento de Schoenstatt somos uma Liga Apostólica.

A Liga Apostólica foi fundada pelo P. José Kentenich em 20 de Agosto de 1920, tendo então recebido os seus primeiros Estatutos directamente das mãos do Fundador. É de direito e âmbito diocesano. O seu objectivo é a educação de apóstolos no espírito da Igreja.

A Liga é constituída por militantes e cooperadores. Os militantes comprometem-se a uma acção apostólica permanente no âmbito da sua vida e do seu trabalho, segundo metas apostólicas por eles próprios fixadas; aspiram à perfeição do seu estado de vida com a ajuda do uso regular dos meios ascético-pedagógicos de Schoenstatt; vivem a sua consagração à Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt na forma da Carta Branca. Os cooperadores comprometem-se a um apostolado de acordo com as circunstâncias de cada momento; aspiram à santidade da vida diária alimentados pela Aliança de Amor e pela espiritualidade de Schoenstatt.

Para despertar e vivificar o espírito apostólico, todos os membros da Liga Apostólica participam nos retiros anuais, cursos, jornadas ou realizações semelhantes, os militantes de uma forma mais empenhada e responsável, e os cooperadores na medida do possível.

A Liga Apostólica não obriga a pertencer a um grupo de vida; mas os seus membros podem formar livremente grupos de apostolado e de educação.

Cada Liga tem a sua própria Direcção, eleita pelos seus membros, e participa do órgão de coordenação do Movimento na Diocese. Os projectos apostólicos devem ser levados a cabo na dependência dos órgãos competentes da Igreja local. O trabalho de educação a partir das forças fundamentais de Schoenstatt é da responsabilidade da Liga; para a sua concretização pode recorrer a membros das Uniões e dos Institutos.

III. SOMOS OBRA DAS FAMÍLIAS DE SCHOENSTATT

29. A Obra das Famílias, "Fundamento e Coroa" da Obra de Schoenstatt

O P. Kentenich quer entusiasmar o maior número de pessoas possível e conquistá-las para que se entreguem ao serviço da renovação da sociedade e da Igreja. Daí nasce a ideia de dar vida a um novo tipo de movimento de famílias. Para a Obra das Famílias - que inclui Ligas, Uniões e Instituto de Famílias – destina um lugar central dentro do Movimento de Schoenstatt. **O Fundador designou o ser e a missão específicos da Obra das Famílias com o ideal de "Fundamento e Coroa" de todo o Movimento.**

É tarefa da Obra das Famílias de Schoenstatt assegurar o carácter familiar de todo o Movimento e manter vivo o espírito familiar. Cabe-lhe tornar realidade a moral familiar que os Santos Padres têm estabelecido nas suas Encíclicas, elaborar uma ascética e pedagogia familiares próprias, perpetuando costumes familiares provados e animados, tornando assim as famílias reservatórios dos quais possam alimentar-se e renovar-se permanentemente os demais ramos do Movimento.

30. Fundação e desenvolvimento da Obra das Famílias

A Obra das Famílias de Schoenstatt partilha com todos os outros ramos do Movimento o ser e a missão de Schoenstatt, adaptando-os à vocação e missão próprios dos casais e das famílias cristãs. **Foi fundada pelo P. José Kentenich no Campo de Concentração de Dachau, em 16 de Julho de 1942, quando criou aí, com Fritz Kühr, o Instituto de Famílias.**

A Obra das Famílias desenvolve-se a partir de um encontro para casais, orientado pelo P. Tick, que teve início na Festa de Pentecostes de 1948, na Alemanha. Tendo em vista esse encontro, o P. Kentenich escreveu ao P. Tick uma carta, enviada de Santa Maria, no Brasil, em 15 de Abril de 1948, a qual é considerada como o documento de fundação da Obra das Famílias. Na sequência do referido encontro, em 23 de Maio desse ano, pela primeira vez, um grupo de casais consagrou-se como membros da Liga Apostólica de Famílias. Daí surgiu o primeiro curso da União de Famílias, em 1950. Quatro famílias da União decidiram, em 1962, dedicar-se à construção do Instituto de Famílias, e assim se formou o primeiro curso do Instituto, em 1964.

31. O fundamento da vida da Obra das Famílias

Como parte do Movimento de Schoenstatt, a Obra das Famílias insere-se no processo vital que começou em 18 de Outubro de 1914, no Santuário Original, em Schoenstatt. **A Aliança de Amor então selada com Nossa Senhora é o fundamento de vida de todas as suas comunidades.** Em fidelidade a esta origem, cada casal sela a Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, incorporando-se, desta forma, na Aliança de Amor histórica. Nós vemos nisto uma renovação original e um aprofundamento pessoal da aliança baptismal, assim como da aliança matrimonial do casal.

32. A Aliança de Amor natural e sobrenatural

A nossa Aliança de Amor com Maria, por um lado, assume e eleva a Deus, e, por outro, alimenta e consolida a nossa aliança de amor mútua, como casal, como grupo, ou dentro de cada comunidade. **Partindo do reconhecimento de que a graça assenta sobre a natureza, vemos no amor natural o fundamento do amor sobrenatural. Por isso, a Aliança de Amor abarca os dois planos do nosso ser,**

que se penetram e se influenciam mutuamente. A Aliança de Amor com Nossa Senhora e, através dela, com Deus, concorre, efectivamente, para o crescimento de uma mútua relação de amor, o mais perfeita possível. Isto é especialmente válido e importante para a nossa aliança de amor como casal.

33. O Santuário-Lar

Seguindo as orientações do nosso Fundador, cremos que o Santuário-Lar é o centro vital de cada família schoenstatteana. É o lugar onde se vive e se renova, no dia-a-dia, a Aliança de Amor, um lugar de encontro e oração, uma fonte de forças para toda a família. Aí está presente Maria, no meio de nós, ajudando-nos como Mãe e Educadora. Assim experimentamos, de forma concreta e original, a "Igreja doméstica", o "santuário doméstico da Igreja", como João Paulo II chamou à família cristã, e dispomos de um valioso instrumento para a nova evangelização.

34. O ideal da Sagrada Família de Nazaré

Quando o nosso Fundador se refere ao ideal de uma família schoenstatteana, coloca sempre no centro a imagem da Sagrada Família de Nazaré. Este é, para ele, efectivamente, o conceito simbólico de casal e família: "**uma família schoenstatteana é uma família que, na força da Aliança de Amor com a Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, aspira a tornar realidade o ideal de Nazaré, de acordo com a época em que vive"**.

Ele apresenta-nos os seguintes traços centrais da Sagrada Família que se podem aplicar à nossa vida: o pai e a mãe ocupam o lugar que Deus quis para eles, e desempenham a sua tarefa original; o filho é o ponto central; é uma autêntica comunidade de vida e de amor.

A imagem original para esta comunidade de vida e de amor é o próprio Deus Trino, já que a sua característica essencial é o amor inesgotável que flúi entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ele criou os homens à sua imagem e semelhança e deu-nos, na Sagrada Família, um modelo para esse estar anímico um no outro, com o outro e para o outro.

Nela contemplamos Maria como Mãe, que dá amor e acolhimento a seu Filho, que o educa e que se deixa educar por Ele, que não trava o seu amor mas lhe deixa liberdade. Ela é o coração desta família e converte-se, assim, no coração da Igreja. Vemos José que assume seriamente a sua tarefa como cabeça e protector da família, que a apoia fielmente e que, para Jesus, é o representante do seu Pai Celestial. Através de José, ele pode experimentar concretamente o amor paterno de Deus. Um amor mútuo, delicado e profundamente respeitoso vincula José e Maria, como casal. Este amor é o ninho que alberga seu Filho, Jesus Cristo, o centro da Família. Ele vive com eles, ama-os e honra-os como pais. Chegada a hora, deixa a sua família para seguir a sua vocação. Para nós, como cônjuges, Cristo é o centro e o terceiro na aliança; mas enquanto pais, o centro são os nossos filhos. Assim, a Sagrada Família também se torna modelo para a nossa vida.

35. Na família, o homem faz-se homem

A família é, para nós, um lugar onde o homem se faz homem, num "seminário de humanidade vivida", onde experimentamos pessoalmente o facto de sermos pessoas plenas e felizes, podendo transmiti-lo aos nossos filhos. A família está animada por um amor autêntico que proporciona um profundo espírito de comunidade

e de acolhimento e que, com alegria, predispõe ao sacrifício; está marcada pela mútua aceitação, pela perseverança amorosa, pela confiança e pelo calor humano. É um amor que permanece vinculado vitalmente ao coração de Deus, que vive dessa vinculação e que nos conduz à vida em plenitude.

36. "Oásis da fé e da vida", e "ilhas de famílias santas"

A formação de famílias que sejam "oásis da fé e da vida", e a criação de "ilhas de famílias santas" são, segundo o P. Kentenich, a nossa contribuição para a renovação da Igreja e do mundo, e para a renovação da fé. O nosso apostolado começa em casa, na própria família, e é nela que está o seu ponto fulcral. A partir daqui, expande-se, em círculos concêntricos, para todos os campos da nossa vida. Propaga-se à própria comunidade e a todo o Movimento de Schoenstatt e chega à nossa profissão, aos amigos, à Paróquia e a todos os círculos em que nos movemos. Comprometemo-nos para que "venha a nós o vosso reino", o reino do Pai, tal como anunciou e prometeu Jesus. Deste modo, o nosso apostolado é, ao mesmo tempo, um serviço a Schoenstatt, à Igreja e ao mundo.

37. Somos uma Família de famílias

No conjunto do Movimento de Schoenstatt, a Obra das Famílias tem a particularidade de os seus membros serem grupos familiares, mais exactamente casais e, de modo diferente e tanto quanto possível, os seus filhos. Tratando-se de casais e famílias cristãs, a Obra das Famílias é, portanto, constituída por núcleos centrais (casais) de comunidades íntimas de vida e de amor, Igrejas domésticas, as imagens ou reflexos humanos mais próximos da Sagrada Família e da própria Trindade. **Independentemente das formas concretas de vida comunitária e do seu cultivo próprias de cada estrutura ou comunidade da Obra das Famílias, em todas elas o primeiro espaço de vida comunitária a acolher, desenvolver e servir é o que é construído e vivido por cada casal e família.**

A vida comunitária da Família que é cada estrutura ou comunidade da Obra das Famílias vive da vida e do amor natural e sobrenatural que brota de cada casal e põe-se ao seu serviço com os meios espirituais e ascético-pedagógicos de Schoenstatt, respeitando e promovendo a autonomia e especificidade da vida de comunhão de cada casal e família; além disso, abre-lhes o horizonte e amplifica a sua vocação comunitária primordial por via das relações comunitárias com outros membros da Obra das Famílias e do Movimento de Schoenstatt. Esta experiência deve ajudar cada casal e família schoenstatteana a participar, livre e responsavelmente, na vida da Igreja e da sociedade, com uma clara consciência do seu ser, dignidade e missão próprios.

38. A participação responsável no campo socio-político em prol da família

Como parte de um movimento de renovação cristã com o ideal do homem novo na nova comunidade, a Obra das Famílias de Schoenstatt está convicta de que famílias sãs constituem as células básicas e os pré-requisitos necessários de uma sociedade sã; elas são como fermento que progressivamente penetra e leveda toda a massa. Assim, **cultivamos uma atitude de participação responsável no campo socio-político em prol da família**. O grau em que cada um se comprometa política e socialmente, de forma pública, depende das suas capacidades pessoais, das suas inclinações e das suas outras responsabilidades.

IV. SOMOS MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT NO PATRIARCADO DE LISBOA

39. O que é o Movimento de Schoenstatt de Lisboa

O Movimento Apostólico de Schoenstatt do Patriarcado de Lisboa é o conjunto orgânico, de acordo com o princípio federativo, de todas as comunidades e estruturas do Movimento de Schoenstatt implantadas no Patriarcado, as quais interagem entre si como membros de uma mesma Família, cuidando corresponsavelmente da construção e consolidação do Movimento, ao serviço da Igreja local e para o bem da sociedade de que faz parte. Na diversidade das suas formas próprias, todas estão unidas e vivem da mesma Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, vinculadas ao Santuário e ao mesmo Fundador, P. José Kentenich; todas partilham o mesmo carisma, a missão e os objectivos do Movimento, a sua espiritualidade e pedagogia.
As comunidades e estruturas de direito e âmbito diocesano participam de um órgão de direcção colegial que promove a unidade entre elas e incentiva e estimula as suas correntes de vida e iniciativas apostólicas, assim como a sua integração na Igreja local.

40. Fundação e desenvolvimento do Movimento de Schoenstatt de Lisboa

O ser e a missão do Movimento de Schoenstatt de Lisboa têm-se vindo a revelar, a ser provados e a tomar forma própria na História. No seu centro está a Aliança de Amor com Maria que reaviva e actualiza a Aliança de Amor com o Emmanuel, Deus connosco, o nosso Deus e Senhor de todas as horas de todos os dias da nossa vida pessoal, de família, de Movimento, de Igreja, de país, de humanidade. Aprendemos com o P. Kentenich a perscrutar as vozes de Deus nas vozes das almas, do Movimento de Schoenstatt, da Igreja e do tempo para seguirmos os passos de Cristo como Maria, com fé prática na Divina Providência. Não é, pois de estranhar que o próprio Fundador, em Dezembro de 1966, tendo-lhe sido perguntado pelo P. Francisco Xavier Errázuriz se queria enviar alguma mensagem ao Movimento de Lisboa, tenha respondido "Diga-lhes que vivam da sua História. É uma História curta, mas é uma História rica porque o Amor de Deus, o Amor da Santíssima Virgem irrompeu ali com força". Essa História já tem décadas, mas continua hoje, acrescentando jóias novas ao tesouro antigo. "Viver da História", em Schoenstatt, não é ter uma atitude saudosista perante o passado e querer repeti-lo mecanicamente; é aceitar que Deus se manifesta no nosso viver no tempo e no espaço, com pessoas e circunstâncias concretas, e que aí revela o seu desígnio para nós. É que Deus é fiel e quer continuar connosco o seu plano de Criação e Salvação, no qual todos e cada um somos chamados a tomar um papel activo, porque nos ama como um Pai ama os seus filhos.

41. Pré-história

Em 15 de Março de 1947, o P. José Kentenich, na sua primeira grande viagem internacional, saiu de Roma, de avião, rumo à América do Sul. A primeira escala foi em Lisboa, nesse mesmo dia, durante cerca 3 horas, ficando no aeroporto, em conversa com o P. Ervino Helmle, seu confrade palotino, capelão da Colónia Alemã em Lisboa. A sua segunda grande viagem começou em Genebra, no final do mesmo ano de 1947, no dia 29 de Dezembro. Iniciou então o voo rumo à África do Sul. Nesse dia, o avião fez escala em Lisboa com a duração suficiente para o P. Helmle ir ao

aeroporto buscar o P. Kentenich e levá-lo a fazer uma breve visita a Lisboa, incluindo o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém.

À luz da fé, podemos dizer que a primeira raiz de Schoenstatt em Lisboa e em Portugal está nas passagens do P. Kentenich por Lisboa, em 1947. Em 29 de Dezembro, até aconteceu que o P. Kentenich esteve muito próximo do local onde, cerca de 27 anos depois, se construiu e consagrou o nosso Santuário "Cenáculo da Família do Pai", o primeiro Santuário de Schoenstatt em Portugal.

42. O dedo de Deus na fundação

Em sentido estrito, o Movimento de Schoenstatt de Lisboa começa a sua história em 1960. O início desta história está bem marcado pelo dedo de Deus, que irrompe criadoramente na nossa vida, de modo imprevisível e contrastante, mas no momento preciso, como a História demonstra.

Schoenstatt chega a Lisboa em resultado do cruzamento altamente improvável, em termos humanos, de vários caminhos independentes que concorrem para que um jovem de Lisboa, o Manuel Barata, se encontre com o mundo de Schoenstatt na Suíça, no Verão de 1960, e seja desafiado a fundar o Movimento em Lisboa, e que várias pessoas, de diversas comunidades de Schoenstatt, do Chile, da Suíça e da Alemanha, se cruzem com jovens da primeira geração de Lisboa, ou entrem em relação com Portugal, na mesma época, e contribuam para o arranque da fundação e para a consolidação do Movimento em Lisboa e em Portugal.

A chegada de Schoenstatt a Lisboa e Portugal passa-se num momento charneira na história de Portugal e da Igreja: começa o processo de descolonização, de um modo dramático; aumenta a importância das relações internacionais políticas e económicas para Portugal; aumentam as dificuldades internas do regime político, incluindo sinais visíveis de tensão entre a Igreja e o Estado; têm início vários processos de mudança sócio-cultural e económica de grande impacto na sociedade portuguesa (por exemplo, a industrialização, a urbanização, a emigração, a escolarização, o progressivo aumento do nível de vida, o turismo, o crescente impacto dos meios de comunicação social, em especial a televisão, etc.). Na Igreja, a preparação e a esperançosa realização do Concílio Vaticano II, e o início do problemático processo de recepção da letra e do espírito do Concílio na Igreja em Portugal. Os primeiros schoenstatteanos de Lisboa, jovens universitários ou estudantes do final do ensino secundário, tiveram consciência de que Schoenstatt lhes dava sentido, critérios e missão novos face ao tempo cheio de desafios que estavam a viver.

Na fé, podemos dizer que Deus toma a iniciativa de intervir, por meio de Schoenstatt, na História de Portugal e da Igreja em Portugal. No início, a força de Deus e de Maria manifestou-se entre nós no forte impacto que a vocação para Schoenstatt produziu nos corações e na vida de muitos dos primeiros jovens schoenstatteanos de Lisboa. Foi aí que Schoenstatt começou a mostrar os seus frutos.

43. Sementes e raízes

Implantado o Movimento em Lisboa, a vida de Schoenstatt desenvolve-se, nos primeiros cinco anos, sobretudo em profundidade, de um modo intenso e concentrado, mas também em extensão. Vivem-se abundantes graças de fundação, principalmente nas experiências, cheias de novidade, de uma intensa relação filial perante os primeiros padres schoenstatteanos que vieram para Lisboa, designadamente o primeiro, P. Jaime Fernández; de trabalho metódico de formação

schoenstatteana integral, humana e cristã; de vivência de vida comunitária familiar nos grupos e entre os ramos nascentes do Movimento; de um cultivo apurado da consciência de missão pessoal, de grupo e comunitária, tudo centrado na Aliança de Amor com Maria e fundamentado num progressivo conhecimento do pensamento e da pessoa do Fundador, P. José Kentenich.

Assim, em pouco tempo, surgem as primeiras Alianças de Amor feitas por membros do Movimento de Schoenstatt, em Lisboa: o Manuel Barata e o Rui Portugal, do primeiro grupo da Juventude Masculina, fazem a Aliança em 18 de Março de 1962.

A Luísa Cabral, a Zita Miller Guerra e a Maria da Graça Salles Henriques, do primeiro grupo da Juventude Feminina, são as primeiras mulheres do Movimento de Schoenstatt de Lisboa a fazer a Aliança de Amor, em 31 de Maio de 1963.

Vários jovens do Movimento sentem a vocação para diversos Institutos Seculares do Movimento de Schoenstatt: logo em Fevereiro de 1964, a Maria da Graça Salles Henriques é a primeira a ir para Schoenstatt, para o Instituto Secular das Irmãs de Maria; outros membros das Juventudes foram também para as Irmãs, ou para o Instituto de Nossa Senhora de Schoenstatt ou para os Padres Palotinos (até 1965, os padres schoenstatteanos ainda pertenciam aos Padres Palotinos). O primeiro jovem do Movimento de Lisboa a ser ordenado presbítero, como membro do Instituto dos Padres de Schoenstatt, é o P. José Pontes, mais tarde, em 1 de Junho de 1974.

Com alguns pares de noivos e namorados constituídos por jovens schoenstatteanos e amigos por eles convidados, é fundada, em 5 de Junho de 1965, a Obra das Famílias do Movimento de Schoenstatt de Lisboa. O Movimento de Schoenstatt começa, assim, a diversificar-se. Ficam lançadas as sementes para o futuro desenvolvimento do Movimento, na diversidade das suas comunidades e formas de pertença a Schoenstatt.

44. Um amor provado

A primeira grande prova lançada ao Movimento de Schoenstatt de Lisboa vem da Hierarquia da Igreja. A nossa História segue os passos do Fundador.

A proibição, pelo Patriarca D. Manuel Cerejeira, de os padres schoenstatteanos continuarem em Lisboa a dar assistência ao Movimento, e de o Movimento se expandir no Patriarcado, e a consequente saída do P. Jaime Fernández de Lisboa, em 1965, e do P. António Lobo em 1966, é o desfecho da dificuldade de o Patriarca de então aceitar um modelo novo de Movimento na Igreja em Lisboa e Portugal. Além desse motivo, também pode ter pesado o facto de não ter compreendido e talvez ter temido a rápida expansão que o Movimento experimentava entre jovens estudantes de Lisboa, e de não ter querido correr eventuais riscos com um Movimento desconhecido, de que a Polícia de Segurança do Estado desconfiava, e cujo fundador se encontrava, na altura, sujeito a uma pena imposta pelo Santo Ofício, de Roma. Apesar de o Papa Paulo VI ter retirado todas as penas que tinham sido impostas ao P. Kentenich e o ter restituído à sua posição de Fundador e Cabeça do Movimento internacional de Schoenstatt, e de o ter recebido em audiência em 22 de Dezembro de 1965, em Roma, para lhe agradecer a sua fidelidade à Igreja, o Patriarca D. Manuel Cerejeira manteve as suas decisões sobre o Movimento de Schoenstatt em Lisboa.

A consequência desta situação é que se dá uma quebra no ritmo da formação dos schoenstatteanos e o desenvolvimento do Movimento sofre um impasse. O Movimento vê diminuir o número dos seus membros e passa a viver um tempo de catacumbas, acolhido e protegido pelo Instituto de Nossa Senhora de Schoenstatt, o único Instituto

que pode manter-se em Lisboa, cuja casa se torna o lar do próprio Movimento, ou Família de Schoenstatt de Lisboa, semente do futuro Santuário. É também a época em que vários rapazes do Movimento, incluindo os mais antigos, vão sendo mobilizados para o serviço militar, por períodos longos, quase todos passando por territórios ultramarinos onde decorrem conflitos militares. Entretanto, começaram a surgir os casamentos e os primeiros filhos de membros da Obra das Famílias, enquanto muitas jovens da Juventude Feminina vão acabando os seus estudos e entram no mundo do trabalho, algumas saindo, por isso, de Lisboa. Os que permanecem podem então experimentar fortemente o que significa a fidelidade ao primeiro amor e as consequências de uma decisão pessoal por Schoenstatt, num contexto eclesial e sócio-cultural adverso.

Perante as dificuldades surgidas, o Fundador, em conversa com o P. José Manuel Lopéz, comentou que "nunca na história da Família houve tantas dificuldades como em Portugal para conseguir a autorização da Hierarquia; e tomando em conta a grande fidelidade dos instrumentos fundadores, pode-se dizer que muito grande deverá ser o edifício que construirá a Mãe Três Vezes Admirável no futuro, quando necessita de fundamentos tão profundos e maciços".

45, A aurora

Nestas condições complexas, instáveis e limitativas, dá-se um acontecimento decisivo que, à primeira vista, parecia ser mais um factor negativo, mas que veio a revelar-se de uma relevância e fecundidade ímpares na nossa história: **a morte do P. Kentenich, em Schoenstatt, em 15 de Setembro de 1968. Poucos dias depois, no dia 20, o "resto de Israel" que constituía então o Movimento de Schoenstatt de Lisboa reúne-se e é tomada a decisão de fazer a Aliança de Amor com Maria, como Família, no dia 31 de Maio de 1969.** Em preparação para a Aliança, reforça-se a unidade dos grupos e pessoas existentes, surge a vontade comum de, um dia, construir um Santuário de Schoenstatt em Lisboa, desafia-se a Mãe e Rainha a cuidar do seu Reino nesta terra e a quebrar os nós que aqui manietavam Schoenstatt. Em 18 de Maio de 1969 o Movimento vai em peregrinação a Fátima para ir buscar a primeira pedra do Santuário que um dia, assim se esperava, haveria de ser construído. Em 31 de Maio de 1969 o Movimento de Schoenstatt de Lisboa faz a Aliança de Amor com Nossa Senhora e a bênção da primeira pedra do Santuário. A concluir a oração da Aliança, o Movimento pede a Maria "que possamos em breve ter um Santuário e a presença de padres schoenstatteanos em Lisboa e que a nossa Família seja reconhecida e aceite oficialmente pelos nossos Bispos".

Dois anos depois, a relação entre o Patriarca de Lisboa e o Movimento altera-se radicalmente: em 29 de Junho de 1971 toma posse o novo Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, o qual aceita o Movimento de Schoenstatt no Patriarcado, e dá autorização aos Padres de Schoenstatt para se estabelecerem em Lisboa, e para a construção de um Santuário.

A experiência da importância da fidelidade à Aliança de Amor com Maria, ao Pai Fundador, ao Santuário e de uns aos outros, radicada numa filialidade de criança perante o Pai Bom que nos ama sempre e em todas as circunstâncias, vai sendo reconhecida como dom que Deus dá ao Movimento de Schoenstatt de Lisboa, não só para aquela conjuntura, mas como elemento próprio do nosso ser, do nosso património espiritual e do nosso modo de viver, como Movimento, assim como um testemunho que devemos dar à Igreja e à sociedade.

46. O Santuário no caminho para a maturidade

A partir da Aliança de Amor do Movimento e da mudança do Patriarca, começa um novo ciclo de reorganização e expansão do Movimento, e de uma deliberada procura de condições espirituais e materiais para a construção do Santuário de Lisboa. O impulso final para a construção próxima do Santuário é dado pelo P. Alberto Eronti, numa homilia em 23 de Setembro de 1972. No ano seguinte, em 13 de Abril de 1973, chega a Lisboa, vindo do Chile, o P. Jaime Ochagavia; com ele, é retomada a presença permanente de um Padre de Schoenstatt em Lisboa, como Assessor do Movimento. Em 31 de Maio de 1973 é a bênção do nicho com a imagem da Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt no jardim da casa do Restelo, acabada de adquirir pelo Instituto de Nossa Senhora de Schoenstatt, estando já a decorrer o processo para o projecto e autorização da construção do Santuário. Pouco mais de um mês após o 25 de Abril, faz-se o lançamento da primeira pedra do Santuário, em 31 de Maio de 1974, e inicia-se a sua construção, custeada pelo Movimento. Mais uma vez, um momento decisivo na história de Schoenstatt em Lisboa vem a par de uma grande mudança na sociedade portuguesa. Deus é o Senhor da História.

A bênção e inauguração do Santuário ocorre em 15 de Setembro de 1974, sob a presidência do Senhor D. Maurílio de Gouveia, então Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa.

Como contributo para a inauguração do Santuário, os seis casais do primeiro grupo da Obra das Famílias do Movimento de Lisboa inauguram o Santuário-lar nas suas casas durante o ano de 1974; porém, o primeiro Santuário-lar benzido em Lisboa (e na Península Ibérica), já tinha sido inaugurado na casa da Raquel e do António Gabriel Durão Leitão, em 9 de Abril de 1972.

A inauguração do Santuário provoca um sensível aprofundamento da vida schoenstatteana no Movimento de Lisboa, crescendo a vinculação a Maria e ao Santuário, cujas graças começam a fazer-se sentir. Expressão disso são os vários actos de colocação dos símbolos que, além dos que já se encontravam no Santuário quando ele foi inaugurado, lhe foram sendo oferecidos, designadamente a concha da água benta com a forma das mãos do P. Kentenich, oferecida pela primeira geração das Profissionais, em 15 de Setembro de 1975; o símbolo do Pai, oferecido por todo o Movimento, em 18 de Novembro de 1977; o símbolo do Espírito Santo, oferecido por todo o Movimento, em 14 de Maio de 1978; o ceptro da Rainha, oferecido pelo segundo grupo da Obra das Famílias, em 31 de Maio de 1979; a Cruz da Unidade, oferecida por todo o Movimento, em 2 de Junho de 1983. Do mesmo modo, as muitas coroações de Nossa Senhora feitas por pessoas, grupos, Ramos, e por todo o Movimento, culminando na coroação de Maria como Rainha Vitoriosa do Cenáculo da Família do Pai, pelo Movimento de Lisboa, presidida pelo Patriarca D. António Ribeiro, em 31 de Maio de 1979. Vinte anos depois, o seu sucessor, Patriarca D. José Policarpo, presidiu à celebração dos 25 anos do Santuário de Lisboa, tendo o Movimento renovado então, perante ele, o seu compromisso de serviço à Igreja, em 19 de Setembro de 1999.

47. Família do Pai

Além da vinculação a Nossa Senhora e ao Santuário, adquire grande importância na história do Movimento de Schoenstatt de Lisboa a vinculação ao Pai Fundador. Desde o início, cultivamos e desenvolvemos uma relação muito pessoal e original com ele,

impregnada pela experiência e consciência de nos sabermos amados e aceites por ele e chamados a participar do seu carisma e missão.
Essa vinculação tem assumido muitas formas, designadamente a celebração de Alianças de Amor com o Pai Fundador, as primeiras das quais, em Lisboa, são feitas em 31 de Maio de 1975, pelo P. Jaime Ochagavia e pelo casal Marinho Antunes. No mês de Setembro de 1985 vários membros do Movimento de Lisboa vão em peregrinação a Schoenstatt e a Roma, com o Movimento Internacional de Schoenstatt, no Jubileu do centenário do nascimento do P. José Kentenich. Como encerramento das comemorações deste Jubileu, em Lisboa, é celebrada uma Missa presidida pelo Patriarca D. António Ribeiro, na Sé Patriarcal, em 17 de Novembro de 1985, na qual o Movimento de Lisboa renova, perante o seu Bispo, as promessas de serviço à Igreja que o Fundador fizera em várias ocasiões. E em 15 de Setembro de 1999, na celebração dos 25 anos do Santuário, o Movimento de Lisboa faz uma Aliança de Amor com o Pai Fundador.
Assim, à luz da História, o Movimento vai-se reconhecendo como uma Família do Pai, forjada e mantida num Cenáculo. Vai crescendo na consciência de que os apelos e provas que tem experimentado na sua vida de Família e na sua relação com a Igreja e a sociedade portuguesa a vão conduzindo à aceitação, como sua, da missão do 31 de Maio que o Pai Fundador proclamou no Santuário "Cenáculo" de Bellavista, em Santiago do Chile, em 1949. Seguindo o pensamento do P. Kentenich, assume progressivamente que é sua graça e tarefa aprofundar e viver o Paralelo Schoenstatt-Fátima.
O P. Kentenich tem sido, de facto, o garante da unidade e da missão, assim como da identidade do Movimento de Schoenstatt de Lisboa, ao longo da nossa História. Com ele, e por meio da vinculação pessoal e comunitária a ele, descobrimos o dom da filialidade e o caminho para Deus Pai, em Jesus Cristo, pela acção do Espírito Santo, educados por Maria, no Santuário.

48. Família aberta, una na diversidade

Desde o início da sua história, o Movimento de Schoenstatt de Lisboa, em atitude de abertura universalista e de amor a toda a Família ou Movimento de Schoenstatt, tem estado em relação com várias comunidades internacionais do Movimento e com o Movimento de Schoenstatt de outras Dioceses e países. Uma das expressões mais significativas desta abertura são as inúmeras peregrinações de membros do Movimento de Lisboa, por vezes em grande número, ao Santuário Original e a vários Santuários, ao longo dos anos. A primeira peregrinação organizada pelo Movimento de Lisboa ao Santuário Original, em Schoenstatt, é feita por membros dos primeiros grupos das Juventudes masculina e feminina, logo em Agosto de 1963. Das que se lhe sucedem, podem salientar-se as que são feitas para a inauguração do Santuário de Madrid, em Pozuelo, em 18 de Outubro de 1969; a Schoenstatt e Dachau, de 31 de Julho a 10 de Agosto de 1976; a Fátima, com a Família de Schoenstatt em Portugal, na bênção do nicho com a inscrição "Em Fátima, Família do Pai", em 13 de Maio de 1978; para a bênção do Santuário "Tabor Matris Ecclesiae", na Gafanha da Nazaré, Diocese de Aveiro, em 21 de Outubro de 1979; para a bênção do Santuário "Patris Familiae. Coenaculum Patris", em Soutelo, Arquidiocese de Braga, em 19 de Maio de 1991; ao Santuário de Fátima, para a consagração das Famílias ao Sagrado Coração de Maria, a que aderiram muitas famílias portuguesas, no Ano Internacional da Família, em 22 de Maio de 1994; para a

bênção do Santuário "Tabor Reginae Familiae", em Devesas, Diocese do Porto, em 29 de Outubro de 1995; para a celebração do Jubileu dos 50 anos do 31 de Maio, em Santiago do Chile, de 26 de Maio a 3 de Junho de 1999; para a bênção do Santuário "Matri Ecclesiae", em Roma, de 4 a 10 de Setembro de 2004; e ainda muitas outras peregrinações a Fátima, designadamente as que se têm feito a pé, anualmente, organizadas pelo Movimento de Lisboa, desde 2001.

Outra expressão significativa da abertura a todas as formas de vida e da experiência e cultivo da unidade na diversidade verifica-se no interior do próprio Movimento, como algo constitutivo, desde o início, e por isso, também muito provado. Tal tem ocorrido no cultivo e respeito pela liberdade e capacidade de iniciativa das pessoas, famílias, grupos, comunidades, gerações dentro do Movimento, assim como no respeito pela autonomia e responsabilidade de cada parte a par da procura do bem comum, de acordo com os critérios do Fundador, no que respeita às relações entre as diversas Ligas, Uniões, Institutos e Movimento Popular e de Peregrinos, à medida que vão surgindo, em Lisboa, ao longo do tempo; e do mesmo modo no que respeita às diversas iniciativas apostólicas organizadas (como a Pastoral do Santuário, a Campanha da Mãe Peregrina, as Missões, etc.) e às várias obras autónomas inspiradas pelas ideias, espiritualidade ou carisma de Schoenstatt (como a AFEP, a Associação 31 de Maio e o Colégio de Santa Maria, etc.).

A experiência de unidade na diversidade no interior Movimento vai-se aprofundando e ganhando maior clareza como dom que Deus dá a todo o Movimento, como elemento próprio do nosso ser; progressivamente, vai sendo reconhecida como missão, como contributo nosso a dar à Igreja e à sociedade.

49. O ideal "Cenáculo da Família do Pai"

Em 18 de Novembro de 1977 foi proclamado e oferecido o ideal do Santuário, o qual é assumido como ideal do Movimento Apostólico de Schoenstatt do Patriarcado de Lisboa, com a seguinte formulação:

"Cenáculo da Família do Pai para, na força da missão do 31 de Maio, sermos para a nossa Igreja e sociedade caso pré-claro da Família do Pai, contribuindo para a realização da mensagem de Fátima, numa atitude de filialidade heróica que garante a fidelidade e a unidade na diversidade."

V. SOMOS A LIGA APOSTÓLICA DAS FAMÍLIAS SCHOENSTATTEANAS DO PATRIARCADO DE LISBOA

50. O que é a Liga das Famílias de Lisboa

A Liga Apostólica das Famílias Schoenstatteanas do Patriarcado de Lisboa é uma comunidade do Movimento Apostólico de Schoenstatt formada por casais católicos que aspiram conscientemente ao ideal católico do matrimónio e da família. Para tal, incorporam-se na Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt selada em 18 de Outubro de 1914 e aceitam os compromissos próprios da Liga.

Como parte do Movimento de Schoenstatt, a Liga das Famílias partilha com as demais comunidades do Movimento: a mesma raiz na Aliança de Amor com a Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, o mesmo centro espiritual no Santuário

Original, o mesmo Fundador e, através dele, o mesmo carisma, missão, espiritualidade e pedagogia.
Com todas as Ligas Apostólicas que fazem parte do Movimento, mantemos a mesma vocação e traços identitários que nos caracterizam e distinguem das demais comunidades (Uniões Apostólicas e Institutos Seculares), assim como das restantes formas de pertença ao Movimento.
Como parte da Obra das Famílias de Schoenstatt, vivemos o seu ser, missão, espiritualidade e pedagogia, segundo as formas próprias da Liga.
Como parte do Movimento de Schoenstatt do Patriarcado de Lisboa, vivemos, corresponsável e solidariamente com as outras comunidades do Movimento, a sua história, ideal, ser e missão, no Santuário "Cenáculo da Família do Pai". Por seu intermédio, inserimo-nos organicamente na Igreja do Patriarcado de Lisboa, nos seus órgãos e iniciativas pastorais.

51. Fundação da Liga das Famílias de Lisboa

Após um período de cerca de dois anos de estudo e discernimento da sua vocação em Schoenstatt, os casais dos dois primeiros grupos da Obra das Famílias do Movimento de Schoenstatt de Lisboa tomam diferentes decisões: dois candidatam-se ao Instituto das Famílias, sete decidem fundar a Liga das Famílias de Lisboa e um prolonga por mais algum tempo a sua decisão, vindo, mais tarde, a entrar na Liga das Famílias.
A Liga Apostólica das Famílias Schoenstatteanas do Patriarcado de Lisboa é fundada em 7 de Junho de 1981, Domingo de Pentecostes, pelos casais Teresa e Celso Correia, Raquel e António Gabriel Durão Leitão, Teresa e Luciano Frescata, José e Milú Leitão, Zita e Manuel Luís Marinho Antunes, Graça e João Menéres, e Manuela e António Ruivo, tendo-se consagrado como Militantes seis casais, e um como Cooperador, num acto de consagração e fundação integrado numa Celebração Eucarística, no Santuário Cenáculo da Família do Pai, presidida pelo senhor D. Maurílio de Gouveia, então Arcebispo de Mitilene. Dos casais fundadores, quatro pertenciam ao primeiro grupo (com o ideal "Fundamento da Família do Pai") da Obra das Famílias do Movimento de Lisboa, e três ao segundo grupo (com o ideal "Em Cenáculo, Coroa do Pai").
No espírito dos fundadores está clara a vontade de a fundação da Liga das Famílias de Lisboa contribuir para fortificar a Liga como vocação schoenstatteana plena e para a efectivação de um modelo de Liga Apostólica de leigos adultos do Movimento de Schoenstatt de acordo com o pensamento do P. Kentenich e as circunstâncias próprias da Igreja pós-conciliar, num país da Europa Ocidental então já em negociações para a entrada na então Comunidade Económica Europeia (o tratado de adesão de Portugal à C.E.E. foi assinado em 12 de Junho de 1985, no Mosteiro dos Jerónimos). Está presente a vontade de contribuir para a estruturação da Obra das Famílias de Schoenstatt em Lisboa e em Portugal, num tempo em que as mudanças na instituição familiar, em Portugal, colocam novos e grandes desafios à sociedade e à acção pastoral da Igreja. Há a vontade de contribuir para a consolidação e expansão do Movimento de Schoenstatt de Lisboa e para que se cumpra o seu ideal e missão numa sociedade em rápida mudança sócio-cultural, política e económica.
O primeiro Casal Chefe da Liga das Famílias de Lisboa é o casal Milú e José Leitão; eleito pouco depois do acto da fundação da Liga, exerce o seu mandato de 21 de Novembro de 1981 a 2 de Junho de 1984.

52. Desenvolvimento da Liga das Famílias de Lisboa

Desde a sua fundação, a Liga das Famílias tem crescido a partir das fontes que asseguram o desenvolvimento da vida da Aliança de Amor na vida dos casais e famílias, dos grupos e da própria Liga, em ordem a atingir a missão e finalidades do Movimento e da Obra das Famílias de Schoenstatt.

Assim que fundada, a Liga das Famílias assume o encargo de continuar a acompanhar a formação dos outros grupos de casais (num total de 19 casais) que então faziam parte da Obra das Famílias em Lisboa; muitos desses casais vão entrando na Liga, ao longo do tempo, após um caminho da preparação para a respectiva decisão. A expansão da Liga e a formação dos seus membros, assim como dos novos casais convidados a conhecer e a aderir à Obra das Famílias de Schoenstatt tem sido uma actividade constante. Assim, todos os anos são organizadas e realizadas inúmeras reuniões de grupos, jornadas, cursos, retiros, encontros de oração e celebrações litúrgicas, etc.

O cultivo da vida espiritual, centrada na Aliança de Amor e no seu aprofundamento, está presente em todas as actividades de formação e assume uma expressão forte nos contínuos actos de consagração, como Alianças de Amor e Cartas Brancas, inauguração de Santuários-lar, coroações, actos de entrega e Alianças com o Pai Fundador, etc. Entre estes, podem destacar-se os seguintes actos comunitários, marcantes na História da Liga das Famílias: em 18 de Maio de 1986, a Liga, enquanto tal, sela uma Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt (Portugal era membro da C.E.E. desde o princípio desse ano); no contexto da celebração dos 25 anos da fundação da Liga das Famílias de Lisboa, os casais fundadores mais 8 casais da Liga fazem um acto de entrega e súplica ao Pai Fundador, em 18 de Novembro de 2006. Por iniciativa de casais ou grupos da Liga, têm-se feito muitas peregrinações a Fátima, ao Santuário Original em Schoenstatt, e a outros Santuários de Schoenstatt.

O cultivo da vida comunitária da Liga tem sido feito de muitas formas, desde a animação e participação nas Missas mensais dedicadas às Famílias, no Santuário Cenáculo da Família do Pai, as quais, além da sua eminente função litúrgica, têm ainda uma intenção de serviço à Igreja Diocesana; a realização de encontros, assembleias, convívios e festas; campanhas de capital de graças e outros actos de solidariedade no interior da Liga, etc. De realçar a celebração do Jubileu dos 25 anos da fundação da Liga das Famílias de Lisboa no Domingo de Pentecostes, 3 de Junho de 2006.

A Liga das Famílias tem dado apoio, sobretudo no campo da formação, a outras comunidades do Movimento de Schoenstatt de Lisboa e de outras Dioceses, e participado activamente na vida e actividades do Movimento de Schoenstatt de Lisboa: a vida da Liga das Famílias é absolutamente indissociável da vida do Movimento de Lisboa e, a partir do Pentecostes de 1981, a vida do Movimento de Lisboa é absolutamente indissociável da vida da Liga das Famílias. A Liga das Famílias tem mantido abertura e colaboração no processo de crescimento e estruturação da Obra das Famílias em Portugal: das suas fileiras saem quatro casais fundadores da União das Famílias em Portugal; para comemorar o Jubileu dos 50 anos da fundação da Obra das Famílias de Schoenstatt, em 1992, muitos casais da Liga participam nas peregrinações nacionais a Fátima, em 17 de Maio, e a Schoenstatt e Dachau, de 19 a 26 de Agosto.

A Liga das Famílias tem ainda participado em actividades pastorais em Paróquias, designadamente organizando acções de formação para casais e para pares de noivos, e em actividades e órgãos da Igreja diocesana ou de âmbito nacional ou internacional, principalmente na área da pastoral da família.
Entre muitas outras iniciativas apostólicas que a Liga desenvolveu ou apoiou conta-se a Campanha da Mãe Peregrina e as Missões, designadamente as missões familiares.

53. Grandes ideias-força

Quinze anos depois da fundação, ou seja, em 1996, é aberto na Liga das Famílias um processo de reflexão sobre as grandes linhas da sua História. Desse modo procura-se, por um lado, transmitir aos casais que entretanto tinham sido admitidos na Liga, assim como a outros casais integrados em grupos de apresentação de Schoenstatt ou de introdução e preparação para a Aliança de Amor, orientados por Casais ou pelos Assessores da Liga das Famílias, uma história que também era deles; por outro lado, começa-se a desbravar o caminho de descoberta do ideal da Liga. As grandes ideias-força então identificadas são as seguintes: a Aliança de Amor é o pano de fundo de toda a nossa história, a razão de ser de toda a vida que surgiu e que cresceu; a vida da Liga das Famílias está completamente entrelaçada com a vida da Família ou Movimento de Schoenstatt de Lisboa e com o Cenáculo da Família do Pai; a Liga das Famílias é fruto de uma profunda experiência de vinculação ao Pai Fundador; o compromisso de ajudar a Liga das Famílias a crescer tem sido a nossa forma de construir a Família do Pai; a Liga tem crescido com uma clara consciência da sua História, identidade e missão, como frutos da Aliança de Amor. A reflexão então feita e continuada a aprofundar conduziu pouco depois, em 1998, à formulação do ideal da Liga.
O crescimento da Liga e o seu percurso histórico no contexto da vida da Igreja e da sociedade em Portugal, na Europa e no mundo, despertou o início de um processo de reflexão entre os Militantes da Liga, entre Janeiro e Julho de 2007, sobre a necessidade de reconhecer que voz de Deus é o Movimento de Schoenstatt, e em concreto a Liga das Famílias de Lisboa, para a Igreja e o mundo de hoje, como resposta às vozes de Deus neste tempo, tendo-se identificado algumas áreas da vida e organização da Liga que merecem ser clarificadas, reforçadas ou corrigidas, designadamente a formação, a identidade e missão, e a estrutura e estatutos. O presente documento é um dos frutos deste processo.

54. O ideal "Fundamento e Coroa do Cenáculo da Família do Pai"

Em 31 de Maio de 1998 foi proclamado e oferecido o ideal da Liga Apostólica das Famílias Schoenstatteanas do Patriarcado de Lisboa, com a seguinte formulação:
"Queremos ser Fundamento e Coroa do Cenáculo da Família do Pai e, como instrumentos alegres e audazes, viver da fidelidade à Aliança de Amor e da entrega filial heróica. Com Maria, na força do Espírito Santo, queremos levar o Pai à Igreja e ao mundo, construindo através das famílias a civilização da vida e do amor".